

Berçário cearense expõe caos da saúde

Maternidade recebe verba do SUS para realizar 1.200 partos mensais e faz 1.700. Médicos encaram plantão como uma guerra

Fortaleza — O elevado número de óbitos registrado na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand é o reflexo do sucateamento do setor de saúde no estado. Não houve negligência da instituição ou dos profissionais que prestam atendimento nos 49 casos de morte neonatais ocorridos em novembro.

As declarações são do diretor do hospital, Francisco das Chagas Oliveira. Segundo ele, dos 49 casos fatais, 33 são de bebês natimortos, ou nascidos sem a menor condição de sobrevivência, com peso bem abaixo do normal. Destes, somente 16 faleceram no berçário, "o que não deixa de ser um número preocupante", assinala Ítalo Gurgel, coordenador de comunicação social da Universidade Federal do Ceará, que gere a maternidade.

Uma coincidência de partos de bebês de alto risco, de baixo peso, com deficiência respiratória, prematuros e com má formação congênita em um momento de superlotação na maternidade-escola Assis Chateaubriand, em Fortaleza, no Ceará, foi a causa dos bebês. Essa é a conclusão da auditoria realizada na maternidade por ordem do Ministério da Saúde. Em nota à imprensa, o ministro da Saúde, José Carlos Seixas, garantiu ontem que a causa da morte dos bebês no Ceará não foi "um surto de infecção hospitalar".

Gurgel informa que todo caso de neonatologia considerado de risco no estado é remetido imediatamente para a MEAC, considerada de referência. Com isso, eleva-se sobremaneira o número de atendimentos da instituição, quase sempre ultrapas-

sando a capacidade normal.

São cerca de 1.700 partos normais por mês, quando a verba do SUS para custeio é cobre apenas 1.200. A diferença é paga com recursos próprios da unidade hospitalar, que também dá assistência a partos particulares (pagos com recursos dos clientes).

De acordo com Gurgel, por causa do excesso de trabalho os profissionais médicos e paramédicos enfrentam os plantões como "se estivessem numa guerra, chegando a extrema exaustão". O médico Luiz Carlos Weyne, ex-profissional da MEAC, revela que o volume de trabalho sempre foi maior do que o ideal para a unidade hospitalar.

A superlotação tem uma explicação evidente: casos que necessitam de UTI não oferecem lucro para a rede hospitalar privada. Os hospitais privados rapidamente livram-se dos pacientes, remetendo-os à Maternidade-Escola. Para Chagas Oliveira, os números de mortes da MEAC apenas refletem que a saúde no Ceará está em situação bem precária.

"Aliás, o dinheiro para o setor de saúde das prefeituras é utilizado apenas para a compra de transportes para os doentes. Nada ou muito pouco é investido na infra-estrutura hospitalar", dispara Chagas Oliveira. O elevado número de óbitos registrado deve ser também atribuído ao precário estado de saúde da população atendida. A grande maioria das parturientes apresenta estágios variados de desnutrição. Há entre elas um contingente razoável de gestantes adolescentes e a prática de exames pré-natais é praticamente desconhecida por todas.

Divino Gabriel/Jornal o Povo



Uma jovem mãe, com a filha de apenas 15 dias: a preocupação de ver seu bebê integrar as estatísticas macabras.